

Governo vai converter só 1,5% da dívida

EBN

Recife — O Governo brasileiro vai converter 1,5% da sua dívida externa em capital, permitindo que os credores internacionais interessados comprem ações de empresas brasileiras correspondentes a até 1,5 bilhão de dólares por ano. Desse total, 50% serão destinados a empresas do Nordeste, por decisão do presidente Sarney, conforme afirmou ontem o presidente do Banco Central, Fernando Milliet. Ele disse que a regulamentação do assunto ocorrerá terça-feira próxima em reunião do Conselho Monetário Nacional.

A decisão do Governo foi anunciada por Milliet durante um encontro com 60 empresários pernambucanos na sede da Federação das Indústrias de Pernambuco onde, durante uma hora e meia ele ouviu queixas e reivindicações, mas descartou qualquer possibilidade de novas linhas de crédito subsidiadas para o Nordeste. Ele também condenou a onda de boatos em todo o País sobre a possibilidade de o Governo decretar um novo choque heterodoxo na economia, classificando de "especulações da imprensa e de alguns acadêmicos" o que vem sendo dito ou divulgado sobre esse assunto.

Milliet encontrou-se com os empresários pernambucanos, por interferência do deputado federal Fernando Bezerra Coelho, do PMDB. Durante a reunião, ele lembrou que a dívida externa brasileira foi feita nos anos 70 e que a partir de 1981 todo o país começou a sentir os seus reflexos, chegando-se hoje a uma situação difícil. Disse que o Plano Cruzado não deu o resultado esperado porque a principal causa da inflação o déficit público — não foi resolvido e que no Plano Bresser a grande dificuldade foi com relação aos preços.

"Nós não imaginávamos que os preços estivessem tão defasados e é

por isso que essa fase de flexibilização está sendo muito difícil" explicou, para dizer que a solução inedita, tão logo seja concluída essa fase do plano e conter realmente o déficit e deixar os preços se reajustarem normalmente, pois somente assim voltaremos a economia de mercado o que é muito melhor que preços administrados".

Na sua opinião, concluindo-se a fase de flexibilização o Governo poderá de imediato aplicar o plano macroeconômico, já com os empresários capitalizados". E isso podemos ver claramente, diante da redução do número de pedidos de empréstimos aos bancos "o País retoma o seu crescimento econômico, sem maiores problemas", acredita o presidente do Banco Central.

O empresário Mariano Teixeira, representando a indústria de confecções de Pernambuco, queixou-se a Milliet que o setor está com 60 a 70% de sua capacidade ociosa por falta de mercado e as empresas não se arriscam a pedir empréstimos por conta dos juros, enquanto Gustavo Queiroz, presidente da Federação da Indústria de Pernambuco denunciou que a construção civil está paralisando suas atividades "o que prova que não somos tão capitalizados como as empresas do Sul", disse. Todos Reivindicaram um tratamento diferenciado para o Nordeste e empréstimos subsidiados, este último pleito considerado inviável pelo presidente do Banco Central:

"Mesmo bem administrado, o subsídio é uma dinheiro mal gasto" — explicou Milliet dizendo que a ele tem acesso, independente da fiscalização, o que precisa e o que não precisa "e a solução do Nordeste e do País não é o subsídio, mas o equilíbrio da dívida pública e a carga tributária bem distribuída. Com isso, retomaremos o nosso desenvolvimento econômico", afirmou.

Lloyds quer investir

Salvador — Em visita à Bahia para contatos com empresários do setor petroquímico e autoridades governantes, o banqueiro inglês Sir Lindsay Alexander, presidente do Lloyds Bank, um dos 10 maiores credores do Brasil, com US\$ 1,2 bilhão a receber, alertou para a necessidade de o País conseguir um acordo sobre a dívida externa. Se isso não for feito, segundo o banqueiro, o Brasil corre o risco de não poder oferecer à população, que cresce rapidamente, os milhões de empregos necessários a cada ano.

Para exemplificar os tipos de dificuldades que poderão surgir, Lindsay Alexander revelou que o Lloyds Bank está disposto a investir no pólo petroquímico de Camaçari Cz\$ 400 milhões, o equivalente a um terço dos custos de ampliação do Copec. Esclareceu, no entanto, que esse projeto só será efetivado com a definição do Banco Central das regras que irão reger a conversão da dívida brasileira em investimento estrangeiros.

Primeiro passo

Em Salvador, onde visitou o presidente da Federação das Indústrias da Bahia e do grupo Barreto de Araújo, Orlando Moscozzo, o banqueiro inglês elogiou a decisão do Governo brasileiro de retomar as negociações com credores internacionais, suspendendo a moratória. Para Lindsay, o acordo provisório com os credores internacionais, apesar de ser apenas uma declaração de intenções, não deixa de representar um passo muito importante. "O primeiro passo é

sempre mais difícil", lembrou Lindsay.

O presidente do Lloyds Bank lembrou também que a organização financeira que ele preside atualmente está no Brasil há 125 anos, "e tem investimentos fortes no País". A moratória brasileira, significou para o grupo a interrupção de pagamentos que chegam a US\$ 80 milhões. "A moratória representou para nós um aperto de caixa e uma diminuição de nossas possibilidades de fazer negócios", revelou Lindsay Alexander.

Para o presidente do Lloyds Bank, o Brasil está agora diante de uma escolha e precisa se definir: "Ou se torna membro da grande comunidade financeira internacional, ou isola-se do resto do mundo. A primeira hipótese implica negociações difíceis com os credores internacionais, e na segunda, corre o risco de provocar sérios danos ao seu povo", avisou o banqueiro inglês.

Lindsay, que visitou também o governador Waldir Pires, deu ainda outro conselho: o Brasil deve recorrer ao FMI em busca de aconselhamento. Esse, segundo o banqueiro, foi o caminho escolhido há 10 anos pela Inglaterra, quando o seu país vivia dificuldades semelhantes: "Na época estávamos sem reservas, com a libra sendo desvalorizada e com a economia em declínio. Fomos ao FMI pedir conselho, recebemos uma grande soma em dinheiro e hoje somos uma das economias mais fortes do mundo desenvolvido", contou Lindsay.